

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : 1768

DATA : 13 07 90

PG. : A-3

## Extermínio e autodestruição

LAYMERT GARCIA DOS SANTOS

Recentemente o semanário "The Economist" publicou uma estimativa sobre a relação quantidade de poluição-quantidade de riqueza produzida em uma série de países. Nela o Brasil se destaca: para cada unidade do PNB, produzimos 24 vezes mais poluição do que o Japão, 9,6 vezes mais do que os Estados Unidos, 4,8 vezes mais do que a União Soviética e 2,4 vezes mais do que a Índia. No nosso caso, boa parte da poluição é produzida pela pura e simples queima da floresta amazônica. Quer dizer, enquanto os outros países tendem a poluir e a causar danos ao meio ambiente na medida em que produzem riqueza, o Brasil tende a poluir e a devastar a natureza sem produzir riqueza alguma.

Em sua estorpecida simplicidade, os dados nos dizem o sentido do processo —nossa produção é, principalmente, produção de destruição, de autodestruição. Descoberta que nos obriga, primeiro, a admitir o fim do Brasil como um país do futuro, já que o dilapidamos no presente; e, também, a procurar à nossa volta, e em nós, as manifestações da autodestruição.

A produção de destruição se expressa principalmente como crime. E não há mais dúvida de que vivemos no reino do crime. Das violações da Constituição pelo Executivo e pelo Legislativo até o assassinato de garotos e adolescentes, passando pelos golpes na Bolsa, pela maquiagem e fajutice nos produtos industrializados, pelos antibióticos sem antibióticos, pelo sangue contaminado e comercializado, pela execução dos líderes do campo, pelo banditismo cada vez mais organizado, pela corrupção em todos os níveis, pelo sequestro em que vítima e algozes fazem parte do mesmo mundo, pela calhordice institucionalizada —por toda parte prolifera a produção de destruição. Mas em lugar algum ela é tão horivelmente emblemática quanto no genocídio dos ianomami.

A indiferença da população, o egoísmo e a ignorância das elites, a irresponsabilidade dos políticos e a inconsequência de boa parte da mídia estão permitindo o extermínio desses índios, como se fossem insetos que, no máximo, incomodam. Os brasileiros não percebem que a condenação dos ianomami à morte prefigura o seu próprio destino como povo, e que a aniquilação dos índios já é auto-amputação.

Sábado último esta **Folha** publicou as conclusões de um relatório de procuradores da República afirmando que os ianomami estão "em fase terminal". A simples leitura da notícia provoca, mais do que indignação, um desespero surdo. Pois todas as instâncias governamentais que têm a obrigação de fazer respeitar a vida e o direito dos índios declaram-se impotentes. Polícia Federal, Funai e Aeronáutica se dizem sem recursos materiais e humanos para agir, recolhendo-se então à fatalidade e lavando, portanto, as mãos. No melhor estilo brasileiro.

Se o Estado brasileiro não tem condições de assegurar a vida dos ianomami, por que não lança um apelo internacional, por que não faz uma campanha que com certeza mobilizaria forças e recursos no mundo inteiro? A resposta só pode ser uma: as autoridades brasileiras relutam em salvar os índios de uma situação impossível que elas ajudaram a criar; e também não querem que outros venham salvá-los. Muito provavelmente porque, se viessem, constatariam que basta controlar o fluxo de combustível para aviões em Rondônia para se obter a retirada dos garimpeiros e, com ela, o fim da transmissão de doenças, da destruição da floresta e do envenenamento dos rios. O que, evidentemente, não exige muitos recursos materiais e humanos, mas vontade política.

É imprescindível salvar os ianomami. Não só por eles e nem só por razões

humanitárias. Esses índios são um dos povos mais antigos do mundo, habitando, preservando e cultuando há milênios parte da maior reserva biológica do planeta. Na simplicidade refinada e altísimamente elaborada dos ianomami se abrigam uma espiritualidade, uma sabedoria e uma cultura cujo valor é inestimável para os brasileiros por ser inestimável para toda a humanidade. Os ianomami são depositários de um patrimônio imemorial que se encontra em solo do Brasil, que faz parte da riqueza do país e que contribui para torná-lo uma terra privilegiada. Mas o fato de abrigar essa cultura não confere à nação brasileira o direito de fazer dela o que bem entender, muito menos de arrasá-la. Por não tê-la criado, por desconhecê-la e por ignorar seus benefícios para o povo brasileiro e outros povos, o Brasil precisa descobri-la e aprender a respeitá-la.

Muito pouca gente conhece o que os ianomami conhecem do mundo e do futuro que nos espera. Se não estivéssemos cegos e movidos pelo impulso da autodestruição, procuraríamos, em vez de matá-los, ouvi-los. Pois quatro anos antes de os cientistas da Nasa descobrirem o buraco na camada de ozônio, os ianomami já sabiam que o céu estava sofrendo uma saturação, que no corpo de Rhudkala se abria uma ferida através da qual passavam flechas do sol que a Terra não pode suportar. Desde então, os índios sabem que a vida na Terra corre perigo e que a sua tragédia enquanto povo se inscreve numa tragédia maior.

Os ianomami sabem por que e por quem estão sendo destruídos. Os brasileiros não sabem que estão se autodestraindo. E que só poderão descobri-lo com os índios e com a natureza, não contra ambos.

LAYMERT GARCIA DOS SANTOS é professor da Unicamp e autor de "Tempo de Ensaio" (Cia. das Letras).